



EM

Universidade Federal de Pernambuco
Departamento de Música
Licenciatura em Música

PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM NO CANTO CORAL
AMADOR: revisão bibliográfica sobre a prática e o papel do regente

Gustavo Henrique Ventura Barbosa Filho

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Pernambuco como
requisito para a conclusão do curso de Licenciatura
em Música.

Orientadora: Prof.^a Ma. Maria Aida Falcão Santos
Barroso

RECIFE - PE
2022

**PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM NO CANTO CORAL
AMADOR: revisão bibliográfica sobre a prática e o papel do regente**

Gustavo Henrique Ventura Barbosa Filho

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Pernambuco como
requisito para a conclusão do curso de Licenciatura
em Música.

Orientadora: Prof.^a Ma. Maria Aida Falcão Santos
Barroso

**RECIFE - PE
2022**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Barbosa Filho, Gustavo Henrique Ventura .

Processos de ensino-aprendizagem no Canto Coral amador: revisão bibliográfica sobre a prática e o papel do regente / Gustavo Henrique Ventura Barbosa Filho. - Recife, 2022.

46 : il., tab.

Orientador(a): Maria Aida Falcão Santos Barroso

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Música - Licenciatura, 2022.
9,8.

Inclui referências, anexos.

1. Canto Coral. 2. O papel do regente. 3. Desenvolvimento Vocal. 4. Aprendizagem musical. 5. Socialização. I. Santos Barroso, Maria Aida Falcão. (Orientação). II. Título.

780 CDD (22.ed.)

GUSTAVO HENRIQUE VENTURA BARBOSA FILHO

PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM NO CANTO CORAL
AMADOR: revisão bibliográfica sobre a prática e o papel do regente

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado ao Departamento de Música do Centro de Artes e Comunicação - UFPE, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Música.

Aprovado em: 27__de Fevereiro__2022.

Prof.^a Dra. Cristiane Maria Galdino de Almeida
Examinador 1

Prof. Dr. Sérgio Dias
Examinador 2

Prof.^a Ma. Maria Aida Falcão Santos Barroso
(Orientadora)

À minha família, meu maior tesouro.

AGRADECIMENTOS

Ao criador de todas as coisas, autor e consumidor da minha fé, Jesus, a ele quero tributar a minha gratidão por sua bondade, graça e misericórdia constante que me manteve firme durante esses anos de desafios na graduação, me fazendo acreditar mesmo em momentos de dificuldades e incertezas.

Aos meus pais, Gustavo e Valéria Barbosa, e à minha irmã Grasiely Barbosa pelo apoio, compreensão e ajuda nos momentos bons e ruins vividos durante essa graduação. Tenho total certeza de que sem eles tudo seria mais difícil e ainda mais árduo todo esse processo. Obrigado por serem tudo que eu preciso.

À Cinthia Roque, companheira em praticamente todos os dias dessa longa caminhada como uma ajudadora, motivadora e quando necessário, conselheira. A você toda a minha gratidão e meu amor, pois sei que posso contar contigo nos mais variados momentos, sejam eles bons ou ruins.

Aos demais familiares que me apoiaram e me compreenderam quando em muitas vezes não pude estar presente em reuniões, festas e outros momentos de família por causa das aulas na graduação ou por causa do tempo de dedicação na construção do presente trabalho.

À minha orientadora, Professora Maria Aida Barroso, por ter aceitado o convite para ser a minha orientadora, por ter sido uma bússola nesse período de construção do trabalho, pela paciência em entender que além das demandas do TCC, tive que dar conta de outras demandas da graduação paralelamente. Maria Aída foi sem dúvidas um presente para me guiar nesse processo.

Agradeço a cada docente do Departamento de Música pelos ensinamentos e por contribuir para a minha formação, em especial à Professora Dra. Cristiane Galdino, membro da banca, por ter se tornado para mim um modelo na docência, e por ter me encaminhado nos primeiros passos para a construção do projeto do presente trabalho.

Aos amigos da graduação David Silva e Willian de Lima, sempre presentes nos trabalhos realizados em grupo durante a graduação.

RESUMO

O presente trabalho refere-se ao papel do regente no ensino-aprendizagem na prática coral, considerando coros amadores e abordando questões relevantes na prática coral como aprendizagem musical, desenvolvimento vocal e socialização. A pesquisa busca responder qual o papel do regente dentro de uma perspectiva educacional à frente de um coro, sendo norteadada pelo principal objetivo que é entender o papel do regente nos diversos processos de ensino-aprendizagem do canto coral, considerando os coros não profissionais. Assim, baseia-se em autores como Rita Fucci Amato, Sérgio Figueiredo, Carlos Alberto Figueiredo, Ana Lúcia Gaborim-Moreira, Caiti Hauck-Silva, Ricieri Carline Zorzal, que contribuíram para discussão da prática coral, ensino e aprendizagem, inteligência vocal, consciência respiratória, gestos musicais, construção da sonoridade por meio do desenvolvimento vocal e socialização. Por fim, foi realizada a discussão do levantamento bibliográfico por meio da categorização de termos encontrados na revisão de literatura e os resultados obtidos por meio da análise das categorias apresentadas nos artigos levantados e também a conclusão da pesquisa destacando a contribuição que a mesma pode trazer através dos assuntos discutidos e dos resultados obtidos.

Palavras-Chave: Aprendizagem musical; Canto coral; Desenvolvimento vocal; Regente; Socialização.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Informações gerais dos artigos encontrados nos repositórios.....	31
Quadro 2: Repertório na prática coral segundo os autores pesquisados	33
Quadro 3: Papel do regente na prática coral segundo os autores pesquisados	34
Quadro 4: Ferramentas/estratégias na prática coral segundo os autores pesquisados	35
Quadro 5: Ensaio na prática coral segundo os autores pesquisados	36
Quadro 6: Aspectos técnico-musicais segundo os autores pesquisados	37
Quadro 7: Qualidade de vida na prática coral segundo aponta o autor pesquisado.....	37

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: “A escala da hierarquia das necessidades” de Maslow	19
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A PRÁTICA CORAL	15
Uma perspectiva histórica.....	15
Canto coral: conceituando a prática.....	15
Socialização na prática coral	18
Ferramentas para o processo de ensino-aprendizagem na prática coral.....	23
Inteligência Vocal	23
Consciência Respiratória	25
Estratégias para o ensino-aprendizagem na prática coral	26
Desenvolvimento vocal	27
Classificação vocal	28
Desenvolvimento vocal: Construção da sonoridade.....	29
3 O LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42

INTRODUÇÃO

A música coral está presente em minha vida desde a infância, tendo em vista que meus pais sempre foram muito envolvidos com corais de igreja, e essa influência foi tão forte que desde cedo o meu interesse por corais foi instigado. Quando adolescente, aos 16 anos, comecei a cantar a voz tenor no coral adulto da igreja, inclusive realizando solos. Paralelo a isso, comecei a estudar música na Escola Técnica de Criatividade Musical e durante 4 anos contribuí com esse coral não só cantando, mas também por algumas vezes na regência na ausência da regente titular do coral. Aos 21 anos assumi a regência de um outro coral, no qual estou há 4 anos, e paralelamente passei a ser estudante do curso de Licenciatura em Música pela Universidade Federal de Pernambuco.

Diante dos desafios que foram surgindo ao longo do tempo na condução de um coral, principalmente em um coral amador, pude perceber o quanto o regente é importante em diversos aspectos. Porém, eu precisava entender melhor o papel do regente diante do coro, suas responsabilidades na prática coral, e de como lidar com esses desafios. Então, durante o curso de Licenciatura em Música, fui realizando algumas leituras sobre prática coral e sobre o regente de coro, até que surgiu o interesse em pesquisar sobre o papel do regente nos processos de ensino-aprendizagem do coral.

Esta pesquisa buscou entender alguns aspectos da prática coral considerando coros não profissionais, sabendo que há uma diversidade de coros espalhados nos mais variados ambientes profissionais, educacionais e sociais. Foi importante afunilar esse objeto de pesquisa para coros não profissionais, porque existem finalidades diferentes entre coros amadores e profissionais no tocante ao objetivo do fazer musical (FUCCI AMATO; AMATO NETO, 2009). Enquanto os coralistas dos coros amadores buscam realizar a prática por lazer, socialização, devoção e outras necessidades pessoais, os coralistas dos coros profissionais buscam o sustento e realização profissional por meio dessa prática, como aponta Sérgio Figueiredo (1989). Porém, os não profissionais também veem na prática coral uma oportunidade de obter algum tipo de conhecimento musical e vocal através dos ensinamentos realizados pelo regente que, na grande maioria das vezes, é o único professor de canto que esses coralistas amadores possuem (HERR, 1998 apud FUCCI AMATO, 2007).

Pensando nos corais de caráter não profissional, onde os integrantes, nas suas rotinas diárias, realizam atividades profissionais que não exigem envolvimento com a música, e que se encaixam em uma prática coral em busca de outras realizações particulares que não sejam a

questão profissional, os corralistas podem obter aprendizado musical e desenvolvimento vocal, além de motivação e socialização entre si.

Como aponta Rita Fucci Amato (2007), as atividades envolvendo a prática coral acontecem em diversas comunidades, instituições, empresas, projetos sociais entre outros ambientes. Caso esses coros sejam bem conduzidos e bem orientados, é possível que todos os integrantes absorvam novos conhecimentos, independentemente de sua origem social, idade ou condição financeira. Mesmo os componentes da prática coral sendo pertencentes de classes sociais distintas, nível de instrução diferentes e origens culturais diferentes, pode haver a construção do conhecimento musical, da voz individual e do conhecimento técnico-vocal para a realização musical. Além das questões acima citadas, a boa condução pode proporcionar a todos os corralistas a oportunidade de realizar a arte, viabilizando o prazer estético.

Sobre essas questões, buscamos expor como a literatura apresenta o regente diante dos grupos corais não profissionais, apresentando também os desafios que a figura do regente enfrenta ao ser o principal responsável por conduzir a prática. Para desenvolver essa questão, o objetivo geral deste trabalho foi compreender o papel do regente de coro nos processos de ensino-aprendizagem do canto coral considerando os corais não profissionais.

Diante do objetivo central deste trabalho, desenvolvemos a pesquisa incluindo os objetivos específicos para melhor dividir e categorizar os aspectos presentes na prática coral. O primeiro objetivo específico foi apresentar um breve aparato histórico sobre a prática coral, apresentando a sua antiguidade no meio da sociedade como uma prática que envolve aspectos sociais e humanos e o destaque que a música coral recebia entre as artes na Grécia antiga, como aponta Cartolano (1968 apud NASCIMENTO; BUSS, 2011). Também foi apresentado nesse apanhado histórico o início da prática coral no Brasil a partir da chegada dos Padres Jesuítas, como destaca Mariz (1994 apud PEREIRA; VASCONCELOS, 2007).

Depois, objetivamos compreender o conceito de canto coral, as características que se apresentam na atividade coral e os elementos que compõem a sua prática, fundamentados por alguns autores que serviram de referencial teórico para a pesquisa. Partindo do pressuposto de que a prática coral é uma atividade que envolve aprendizagem musical, desenvolvimento vocal e socialização, como aponta Fucci Amato (2007), buscamos identificar na literatura sobre a prática coral, autores que expusessem estes elementos citados pela autora e presentes na prática coral, apontando a figura do regente como o principal responsável por gerenciar esses elementos.

No processo de revisão de literatura, identificamos que a atividade coral se consolida como um ambiente de possibilidade educacional, por estarem presentes questões técnico-

musicais que são comunicadas aos coralistas, a fim de que estes coloquem em prática as informações transmitidas pelo maestro para o fazer musical. Na prática coral, esse processo educacional torna-se possível quando a atividade é bem dirigida pelo regente do coro, conforme aponta Fucci Amato (2007).

Foi possível observar que através de alguns aspectos presentes na prática coral, pode-se desenvolver a aprendizagem musical através do ensino, como por exemplo: técnica vocal, leitura musical, solfejo e rítmica (RAMOS, 2003 apud FUCCI AMATO, 2007). Esses elementos dialogam com as ideias de Ana Lúcia Gaborim-Moreira (2021), que afirma que a prática coral é uma atividade artística, mas também uma atividade pedagógica. Mas, considerando a aprendizagem musical adquirida pelas pessoas amadoras envolvidas na atividade coral, Fucci Amato (2007) destaca que o coral cumpre o papel de única escola de música para elas.

Após isso, apresentamos ferramentas para o processo de ensino-aprendizagem musical no canto coral segundo os autores pesquisados no referencial teórico. Fucci Amato (2007) apresenta algumas ferramentas que podem ser utilizadas para a colaboração no processo de ensino-aprendizagem técnico-musical no canto coral, porém nos concentramos em apresentar duas ferramentas destacadas pela autora, a saber: inteligência vocal e consciência respiratória.

Destacamos uma estratégia não verbal apontada por Ricieri Carlini Zorzal (2014), para a aprendizagem musical: o uso de gestos. Na presente pesquisa, identificamos essa estratégia aplicada à prática coral, pois é uma ferramenta imprescindível para o regente, sendo uma das principais formas de comunicação do regente para com o coro, como aponta Rafael Garbuio (2021). O autor ainda destaca que esse processo de comunicação deve ser iniciado nos ensaios.

Discorremos também sobre o desenvolvimento vocal na prática coral. Carlos Alberto Figueiredo (2006) destaca que o desenvolvimento vocal do coro precisa ser prazeroso e não cansativo, principalmente tratando-se de coros não profissionais, caso contrário, a chance de ocorrer uma evasão é muito grande, porém se esse processo do desenvolvimento vocal for prazeroso, com certeza o regente colherá bons frutos do seu trabalho. Este desenvolvimento vocal pode ser viabilizado através do ensino da técnica vocal como apontam Caiti Hauck-Silva (2012) e Ângelo Fernandes (2009). Os mesmos destacam que esse trabalho de técnica vocal é importantíssimo, principalmente em coros amadores, para que a saúde vocal dos coralistas seja preservada, e sabendo que a voz é o principal instrumento musical dos coralistas.

Sobre o processo de desenvolvimento vocal, foi percebido que a classificação vocal dos coralistas é um ponto muito importante. A autora Fucci Amato (2007) fala a respeito da capacidade que o regente de coro necessita ter para classificar a voz dos coralistas afim de

direcioná-los ao naipe apropriado para a sua voz, caso essa capacidade não tenha sido alcançada pelo regente, o coralista corre risco de ter sua voz classificada de forma incorreta, ser direcionado ao naipe de voz inapropriado e, por consequência, ter a qualidade de sua voz prejudicada.

Além do aspecto citado anteriormente sobre o processo de desenvolvimento vocal do coro, outro aspecto relevante é a construção da sonoridade. Carlos Alberto Figueiredo (2006) explica que a sonoridade emitida por um coro é singular, e a construção dessa sonoridade depende do desenvolvimento vocal que esse coro obteve. É importante sublinhar que é papel do regente buscar a construção da sonoridade através do desenvolvimento vocal, como apontam os autores Sérgio Figueiredo (2006) e Fernandes, Kayama e Oestergren (2006).

Para além de questões técnico-musicais, a socialização na prática coral recebe seu destaque nesta pesquisa, tomando como referencial os elementos que compõem a prática coral apresentados por Fucci Amato (2007) e Fucci Amato e Amato Neto (2009). O processo de socialização se consolida em diversas áreas, como na família, na escola, no trabalho etc. A prática coral possibilita a socialização por haver nela a interação pessoal. Fucci Amato (2007), destaca que a prática coral é um dos meios mais antigos da humanidade para se expressar artisticamente e para se comunicar, mostrando-se com enorme potencial de interação pessoal pelo fato de integrar pessoas das mais diferentes classes econômicas e de diversas áreas de atuação profissional, tratando-se de coros não profissionais. A autora ainda coloca o canto coral como uma atividade que promove qualidade de vida por atender a algumas necessidades apresentadas pelo ser humano, necessidade que foram elencadas por Maximiano (2004 apud FUCCI AMATO, 2007).

Diante dos desafios enfrentados por um regente de coro, tanto na questão das relações sociais do grupo como também na parte musical, a proposta aqui apresentada se justifica pela busca por um conteúdo capaz de clarear o entendimento sobre o papel do regente nos processos de ensino-aprendizagem do Canto Coral. A pesquisa visou contribuir com o trabalho de regentes que enfrentam os desafios de dirigir um coro e que também procuram entender o seu papel diante deles. Leva ainda em consideração que a grande maioria dos coros tem um caráter não profissional e que, em geral, o regente é o único profissional e professor de música e de canto. É importante ressaltar que a curiosidade em entender melhor as responsabilidades de um regente de coro e o seu papel educacional nos processos de ensino-aprendizagem na atividade coral motivou esta pesquisa, não com objetivo de esclarecer toda e qualquer dúvida sobre esse papel, mas de nortear o regente a respeito do seu importante papel educacional à frente de um coro amador.

Para a construção do trabalho foi adotada a revisão bibliográfica como metodologia. O levantamento foi delimitado por textos publicados entre os anos de 2011 e 2021, utilizando obras mais antigas apenas para a construção do referencial teórico. As buscas por esses textos para o referencial teórico foram feitas por meio do Google Acadêmico nas principais publicações relacionadas à música no Brasil. O levantamento bibliográfico por textos publicados entre os anos de 2011 e 2021 foi realizado nas seguintes revistas: OPUS (ANPPOM), REVISTA MÚSICA HODIE, REVISTA VORTEX, REVISTA BRASILEIRA DE MÚSICA, REVISTA MÚSICA, REVISTA DEBATES, REVISTA DA ABEM e PER MUSI.

A busca pelos textos do referencial teórico foi feita a partir das palavras chaves canto coral, prática coral, aprendizagem musical, regente, desenvolvimento vocal e socialização. A partir do material levantado em diálogo com os autores utilizados para fundamentação do trabalho, foram elencadas categorias que auxiliaram na busca dos artigos selecionados. Foram 6 categorias elencadas: repertório, papel do regente, ensaio, ferramentas/estratégias, aspectos técnico-musicais, e qualidade de vida. Depois, conseguimos selecionar 11 artigos nas revistas citadas.

Além desta introdução, a pesquisa se divide em mais 4 capítulos. O capítulo 1 apresenta uma breve contextualização histórica sobre o Canto Coral e são apresentados alguns elementos que compõem a sua prática.

No segundo capítulo foi apresentada a revisão de literatura sobre o ensino e aprendizagem na prática coral, com ferramentas e estratégias defendidas pelos autores pesquisados para o ensino-aprendizagem na prática coral e aspectos que envolvem o desenvolvimento vocal,

No terceiro capítulo destacamos a socialização na prática coral, enfatizando a qualidade de vida que a atividade coral pode proporcionar para os participantes, através da realização de necessidades presentes na vida, tomando como referência a “escala de hierarquia das necessidades de Maslow” (MAXIMIANO, 2004 apud FUCCI AMATO, 2007). No quarto capítulo há a apresentação do levantamento bibliográfico delimitado entre os anos de 2011 e 2021, com a análise das categorias elencadas a partir da construção dos capítulos teóricos e, por fim, as considerações finais.

1 A PRÁTICA CORAL

Uma perspectiva histórica

A prática coral é uma atividade cultural antiga que envolve aspectos sociais e humanos. Desde a antiga Grécia, a prática coral vem recebendo destaque entre a área das artes (CARTOLANO, 1968 apud NASCIMENTO; BUSS, 2011). O termo “Chorus”, em seu nascimento espelhava uma união de elementos, a saber: a poesia, o canto e a dança (ZANDER, 2003 apud NASCIMENTO; BUSS, 2011).

Sérgio Figueiredo (1989) explica que a atividade coral existe em diversos lugares do mundo há séculos. Por muito tempo, ela esteve associada a práticas religiosas e sociais em que as pessoas realizadoras dessa prática eram instruídas a fazê-las dentro do contexto específico, como por exemplo o contexto religioso. Figueiredo afirma que com o passar do tempo a atividade coral foi sendo progressivamente integrada por pessoas leigas, musicalmente falando. Isso explica o fato de que a maioria dos corais possuem um caráter não profissional.

Vasco Mariz (1994) observa o início da atividade coral no Brasil a partir dos padres jesuítas. Porém, nas práticas corais dos indígenas e africanos trazidos para o Brasil, já era possível identificar o canto como atividade social e cultural (MARIZ, 1994 apud PEREIRA; VASCONCELOS, 2007).

Canto coral: conceituando a prática

Fucci Amato (2007) descreve a prática coral como um grupo de aprendizagem musical, desenvolvimento vocal e de socialização entre os integrantes. Esses elementos presentes no ambiente da prática coral fazem com que ela se torne um espaço de ensino-aprendizagem dos componentes mencionados. A pessoa responsável por articular e favorecer o aprendizado através da realização do ensino é o regente, atuando como uma ponte de ligação entre o coral e os elementos que compõem a prática coral citados pela autora. Ela ainda afirma que essa responsabilidade atribuída ao regente exige do mesmo diversas competências que compreendem os aspectos técnicos da música, e também o gerenciamento do grupo de pessoas participantes da prática coral.

Enquadrando-se no contexto do papel do regente frente a um coro, Sérgio Figueiredo (1989) interpreta a figura do regente como um estimulador do coral, sendo quem conduz e capacita os coristas para a realização musical. Entretanto, a responsabilidade conferida ao

regente de assumir aspectos técnicos-musicais, como também de gerenciar e conduzir o coro, se torna ainda maior quando o coro possui um caráter não profissional, tendo em vista que se espera que a prática coral faculte uma aprendizagem musical, além do cantar em grupo.

Fucci Amato (2007) aponta que a atividade coral se estabelece como uma significativa manifestação educacional. Nesse sentido, a autora destaca que, quando a prática coral une aspectos técnico-musical e de gerenciamento, sendo esses aspectos bem integrados ao coro através do regente, existirá uma construção de conhecimentos relevantes para o fazer musical, ainda que ele seja realizado por não profissionais, integrantes de diversas áreas e faixas etárias.

Mateus Almeida (2016) destaca a importância da prática coral por ser um ambiente capaz de promover uma rica educação musical para os integrantes do coro. Já Maura Penna (1990) percebe o canto coral como uma ferramenta relevante para a musicalização, ou seja, o canto coral pode se apresentar como um instrumento capaz de promover uma alfabetização musical.

Conforme aponta Assumpção Jr. (2010), a prática coral é um espaço em que o progresso musical acontece à medida em que meios individuais de execução se reúnem tornando-se um grande processo coletivo, no qual princípios concernentes ao companheirismo, cortesia e respeito andam juntos. Concomitantemente, acontecem aspectos técnico-musicais, a saber: afinação, ritmo, técnica vocal e o conhecimento histórico e social do repertório.

A prática do canto coral é composta por aspectos referentes às dimensões pessoal, interpessoal e comunitária que permitem conexões diretas com a música, sendo algumas relações subjetivas, porque possibilitam que os coralistas realizem uma autocomunicação, mesmo em um campo de comunicação interpessoal (PEREIRA; VASCONCELOS, 2007). Os autores ainda identificam que a prática permite interligar finalidades pessoais comuns como cantar e se expressar por meio da voz, por exemplo, além de que, através do canto em conjunto, é possível disseminar mensagens, ideologias e crenças.

David Junker (1999) disserta sobre a prática coral apresentando-a como uma atividade social em que acontece uma manifestação cultural. Nesse espaço, os seus participantes que são de diversos segmentos e de diferentes idades, se reúnem com a mesma finalidade: realização cultural pessoal que acontece nos mais diversos níveis sociais, sendo a maioria das práticas corais de caráter amador.

A socialização é apresentada por Sérgio Figueiredo (1989) como um dos principais atributos da prática coral. Dessa forma, existe um grande acolhimento da atividade coral por parte da sociedade, podendo ser observada em escolas, igrejas, clubes, indústrias, bancos, entre outros locais. Esse amplo leque de público que alcança a prática coral, faz com que haja a

participação de pessoas não profissionais na área da música, resultando em uma maior quantidade de coros não profissionais, enquanto há um menor quantitativo de coros profissionais. Nesse sentido, a função do regente se torna ainda mais complexa por ter que lidar com pessoas de diferentes faixas etárias e formações, além do não conhecimento específico da música.

O autor ainda destaca que cantar não é uma atividade tão simples como se pensa, pois, além de envolver aspectos musicais, também compreende aspectos não musicais, sejam eles fisiológicos ou psicológicos. Logo, pensando na relação desses pontos, o canto coral também não se configura como uma atividade simples, pois precisa-se de uma boa condução para que os aspectos presentes na prática sejam harmoniosos.

Leila Dias (2012) amplia a ótica sobre a prática coral considerando o fazer musical e ainda questões socioeducativas do coro. A autora contribui com a discussão sobre a prática coral, pontuando aspectos estéticos-musicais, sociais, educacionais e emocionais. Dessa forma, enfatiza que os profissionais que atuam na prática coral, sejam eles regentes ou educadores da música, têm encontrado na atividade coral aspectos que não se limitam a questões técnico-musicais, como técnicas vocais. Ela ainda demonstra a necessidade de se ampliar os pontos de vista sobre o fazer musical relacionado ao canto coral, atendendo as necessidades dos coristas em termos contextuais, sabendo que os corais possuem uma amplitude social, pois, como afirma:

[...] os coros, em geral, são constituídos através de sociabilidades estabelecidas entre pessoas que se reúnem em torno do objetivo de cantar em conjunto. Há, no entanto, uma variação considerável de formas pelas quais eles se instituem e, diante disso, a depender das vinculações institucionais, podem ser estabelecidas várias modalidades de coros, tais como religiosos e laicos, profissionais e voluntários, institucionais e comunitários, entre outras (DIAS, 2012, p.133).

Já Carlos Alberto Figueiredo (2006) apresenta o canto coral em uma perspectiva mais genérica, inserindo elementos (personagens) presentes na prática coral.

Um coro é uma espécie de tribo, com personagens essenciais, tais como os cantores e o regente; rituais típicos, tais como ensaios e apresentações; e objetos culturais imprescindíveis, tais como a música e a partitura, sua representante material. Há, ainda, o público para o qual se canta, os representantes das eventuais sociedades ou empresas mantenedoras, as gravações realizadas, o professor de técnica vocal, etc. (FIGUEIREDO, 2006, p.3)

O autor caracteriza de maneira prática e inteligível como funciona uma atividade de prática coral, apresentando a configuração a partir dos elementos presentes no canto coral. A organização dos papéis e das etapas da prática coral, facilita o entendimento desde a sua formação de coro, passando pelos momentos de ensaio, que é o momento de preparação para

as apresentações e o momento de aprendizagem, e os materiais necessários para a realização do fazer musical, como a partitura.

Socialização na prática coral

O processo de socialização envolve diversos aspectos referentes às interações interpessoais. Pedro Abrantes (2011) define o conceito de socialização baseado em Elias (1990) e Bourdieu (1979):

[...] como um processo de constituição dos indivíduos e das sociedades, através das interações, atividades e práticas sociais, regulado por emoções, relações de poder e projetos identitários-biográficos, numa dialética entre organismos biológicos e contextos socioculturais. (ABRANTES, 2011 p. 121)

O autor ainda aponta que a socialização ocorre em diversos contextos, a saber: família, escola, trabalho, e também em diferentes áreas do conhecimento. Porém, vamos nos ater ao processo de socialização na prática coral.

Além de abranger aspectos de ensino-aprendizagem musical e desenvolvimento vocal, a prática coral torna-se uma circunstância propícia para desencadear a interação social entre os participantes da prática. Pessoas com diferentes características, diferentes realidades sociais, e de diversas áreas profissionais participam dessa interação viabilizando uma grande sociabilização por meio desse relacionamento.

O canto coral se dispõe a um papel significativo na inclusão social, mostrando-se uma importante ferramenta para a socialização, pois a socialização e o canto coletivo estão intimamente ligados, e a consolidação da relação canto coral e socialização se dá através da ligação interpessoal por parte dos regentes e dos integrantes do coro, aponta Fucci Amato (2009). Sobre a inclusão social que o coral proporciona, a autora afirma:

O canto em conjunto talvez seja uma das mais antigas expressões artísticas e comunicativas do ser humano, tendo historicamente revelado um imenso potencial social. Permite integrar pessoas de diferentes condições socioeconômicas e culturais e dar a conhecer uma nova forma de expressão ao mesmo tempo individual e coletiva. (FUCCI AMATO, 2009, p. 382)

A autora ainda aponta a prática coral sob uma perspectiva de entretenimento e lazer, podendo também ser um espaço que possibilita responsabilidade e unidade do grupo, além de também conscientizar os coralistas da necessidade do respeito com o próximo independentemente de sua realidade financeira, social, religiosa e cultural. Então, além de promover a socialização através das relações interpessoais, o canto coral é uma grande ferramenta para integrar pessoas sem exclusão.

Fucci Amato (2007, p. 77) ressalta que quando a prática coral é bem dirigida, é totalmente possível realizar o trabalho de integração no canto coral, no tocante a “Igualdade e transmissão de novos conhecimentos para todas as pessoas, independente da origem social, faixa etária ou grau de instrução, envolvendo-as no fazer o novo.” Essa socialização é possível em práticas corais em diversos ambientes ou tipos de corais não profissionais: empresas, comunidades, igrejas, escolas, entre outros espaços.

A prática coral nas suas interações interpessoais, proporciona também qualidade de vida para os seus participantes. O canto coral é capaz de promover autoestima e equilíbrio social, viabilizando crescimento pessoal e motivação. Fucci Amato (2007) apresenta um esquema (Fig. 1) criado por Maximiano (2004) a partir da escala da hierarquia das necessidades formulada por Maslow, que mostra o que é preciso para que o ser humano alcance uma boa qualidade de vida através da realização de algumas necessidades.



Figura 1: “A escala da hierarquia das necessidades” de Maslow (MAXIMIANO, 2004, p. 247 apud FUCCI AMATO, 2007, p. 78)

Analisando a figura com base nas necessidades apresentadas, podemos colocar a prática coral como um espaço que possibilita tanto a qualidade de vida como o equilíbrio social. Uma das necessidades que é atendida na prática coral é a de Segurança, que envolve o senso de responsabilidade. Autores como Fucci Amato (2007), José Corvelo (2013), André Oliveira (2016), Pereira e Vasconcelos (2007) apontam que a prática coral é um espaço que viabiliza o senso de responsabilidade com o grupo.

Ainda estes autores citados a cima e Andréia Anhezini Silva e Karen Zeferino (2017) apontam outro aspecto presente nas necessidades apresentadas na figura de Maximiano, que é a inter-relação entre as pessoas e a participação, dizendo que na prática coral se estabelecem relações interpessoais e construção de novas amizades.

Um terceiro aspecto que encontramos na prática coral, e que é apresentado por Maximiano (2004 apud FUCCI AMATO, 2007), é a necessidade de estima. O espaço da prática coral proporciona a autoestima dos coralistas, como afirmam os autores Fucci Amato (2007), Pereira e Vasconcelos (2007), Andréia Anhezini Silva e Karen Zeferino (2017) e André Oliveira (2016).

E por proporcionar desafios, como por exemplo cantar em público, a prática coral gera motivação pessoal, como afirmam os autores Fucci Amato (2007), José Corvelo (2013) e André Oliveira (2016). É importante salientar que a motivação do grupo coral é resultado da boa condução realizada pelo regente. Essa condução envolve aspectos da liderança que tem o regente sobre os coralistas, e também do relacionamento que o mesmo possui com os integrantes do coro, aponta Fucci Amato (2007).

Pereira e Vasconcelos (2007) apresentam três dimensões que envolvem a socialização no canto coral. São elas: dimensão pessoal, interpessoal e comunitária. Na dimensão pessoal ocorre uma aprendizagem sobre si, um autoconhecimento por parte daquele que se envolve socialmente e que se abre para as relações sociais, e que tem como objetivo principal alcançar um resultado comum, que é fazer música. Sendo assim, ser social resulta em mudanças de comportamento de reorganização de valores pessoais.

A dimensão interpessoal envolve as interações que são construídas na prática coral. No contexto coral existe hierarquia, normas e regras, entre outros aspectos que se dão através da inter-relação entre os indivíduos, e da necessidade de ceder e de se abrir ao outro, como apontam Pereira e Vasconcelos (2007). A necessidade de seguir regras e normas e de respeitar hierarquias, faz com que as pessoas compreendam melhor as relações entre os indivíduos. Os autores salientam que essa atividade em grupo trabalha, primeiramente, nos níveis individuais. E em segundo lugar, esse terá possibilidades de se harmonizar com o social. Há um desenvolvimento da sociabilidade” (PEREIRA e VASCONCELOS, 2007, p. 113).

Então podemos observar que o aprendizado de si mesmo que acontece na dimensão pessoal, trazendo mudanças de atitudes individuais, faz com que as relações com os outros indivíduos presentes na prática sejam desenvolvidas, melhoradas e se tornam harmoniosas.

Já discutimos neste capítulo sobre a variedade de pessoas que participam de uma prática coral, mas com finalidades comuns. Isso faz da prática coral um importante ambiente social

muito relevante dentro da sociedade, por carregar consigo coisas do interesse dos participantes, do interesse comunitário. Por isso, Pereira e Vasconcelos (2007) colocam o coral dentro da dimensão comunitária.

Os autores falam do “saber” construído em sociedade, onde esse saber leva o participante, nesse caso o coralista, a entender o seu papel e a importância do seu papel dentro da comunidade (coral) que ele participa. Esse saber envolve conhecimentos culturais e musicais que ali serão transmitidos para quem vai assistir e/ou ouvir. Mas os coralistas não só entenderão o seu papel, como também o papel/função do coral dentro da sociedade na transmissão de conhecimentos culturais/musicais, conhecimentos como música, gestos, sons, vozes, entre outros.

Olhando através dessas perspectivas relacionadas à socialização, presentes na prática coral, percebemos que o canto coral se constitui como uma grande ferramenta para desenvolver a interação pessoal entre pessoas diversas, e promover qualidade de vida para os seus integrantes por meio do alcance das necessidades que o ser humano apresenta, e muitas dessas necessidades só podem ser alcançadas por meio do convívio social, e esse convívio social a prática coral viabiliza.

2 ENSINO E APRENDIZAGEM MUSICAL NO CANTO CORAL

Na prática coral, diversos aspectos relacionados à educação musical podem ser desenvolvidos, propiciando uma aprendizagem musical, como orientação vocal, leitura musical, solfejo e rítmica (RAMOS, 2003 apud FUCCI AMATO, 2007).

Como observa Ana Lúcia Gaborim-Moreira (2021), um coro vivencia claramente um processo artístico, mas também pedagógico, existindo assim o ensino e aprendizagem coletivo na prática coral.

Nossa expectativa é sempre muito positiva em relação aos resultados de um coro, contudo, o que realmente nos impulsiona a viver em coro é justamente o processo que nos leva a esses resultados – um processo artístico, sem dúvida, mas também um processo de ensino-aprendizagem coletiva, isto é, um processo pedagógico. (GABORIM-MOREIRA, 2021, p. 80)

Sobre esta aprendizagem, envolvendo pessoas não profissionais da música ou pessoas não musicalizadas, ensinadas pelo regente, Fucci Amato (2007) afirma:

Nas práticas corais junto a indivíduos sem prévio conhecimento musical, o coro cumpre a função de única escola de música que essas pessoas tiveram, na maior parte dos casos. Para que os resultados almejados sejam alcançados, o regente acaba desenvolvendo diversos trabalhos de educação musical, informando conceitos históricos, sociais e técnicos de música e desenvolvendo atividades que criem um padrão de consciência musical (FUCCI AMATO, 2007, p. 83).

O trabalho do regente, enquanto educador musical frente a um coro, deve ser afinado com as necessidades apresentadas pelo coral, pois cada grupo coral possui suas particularidades em razão da diversidade de características pessoais ali envolvidas. Quando um regente está empenhado com o coro, ele proporciona uma aprendizagem musical adequada, implementando metodologias e apresentando conteúdos que facilitem essa aprendizagem (GABORIM-MOREIRA, 2021, p. 88).

Observando a aprendizagem musical na prática coral, Sérgio Figueiredo (1989) identifica o ensaio de um coral como uma ocasião para a aprendizagem e afirma que no ensaio coral o conhecimento musical é edificado. Segundo o autor, a aprendizagem musical construída na prática coral está alinhada à quantidade de treinamentos estabelecidos pelo regente e condicionados aos coralistas, mas principalmente à qualidade desses treinamentos que acontecem principalmente no momento do ensaio coral.

O autor defende que a construção da aprendizagem musical abrange o treinamento de alguns conceitos musicais, o que não significa um estudo de teoria musical. Sobre os conceitos que devem ser trabalhados no ensaio coral por serem considerados elementares e uma base para a aprendizagem musical, ele destaca: “Ritmo, melodia e harmonia, são sistematicamente

abordados na prática coral. Aspectos como dinâmica, fraseado, articulação e estilo, dentre outros, estarão sempre relacionados com o ritmo, a melodia ou a harmonia” (FIGUEIREDO, 1989, p. 6). Figueiredo ainda aponta que o treinamento voltado à aprendizagem musical objetiva construir nos coralistas habilidades que lhes permitam uma compreensão musical e que facilitem a realização musical.

A aprendizagem suficiente depende da qualidade e quantidade dos treinamentos implementados pelo regente, destaca o autor. Existem treinamentos que resultam rapidamente, já outros treinamentos necessitam de maior perseverança para alcançar os resultados esperados, ou seja, mais treinamentos. Às vezes, há a compreensão por parte dos coralistas, porém não foi desenvolvida neles a maturidade física para realizar aquilo que foi treinado. O autor sugere que os treinamentos precisam ser realizados por etapas de forma sequenciada para que os resultados pretendidos sejam alcançados. Segundo ele, a dosagem da qualidade e quantidade de treinamentos vai revelar como é a aprendizagem musical de um coro. Assim, o regente precisa entender as características peculiares do seu grupo, assim como perceber as aspirações e condições do seu grupo coral para dosar as estratégias direcionadas ao coral e as exigências a serem feitas (FIGUEIREDO, 1989).

Ferramentas para o processo de ensino-aprendizagem na prática coral

Fucci Amato (2007) apresenta algumas ferramentas e estratégias que podem colaborar com o processo de ensino-aprendizagem musical na prática coral. Essas ferramentas configuram-se como a transmissão de conhecimentos para a prática do canto, sendo: inteligência vocal, consciência respiratória, consciência auditiva, prática de interpretação, a utilização de recursos audiovisuais e apresentação de pesquisas e debates. Dessas ferramentas, destacarei duas: Inteligência vocal e Consciência respiratória

Inteligência Vocal

Segundo Fucci Amato (2007), a inteligência vocal objetiva conscientizar os coralistas de que é necessária uma higiene para manter a voz saudável, além de ensinar práticas de exercícios para o equilíbrio da voz. A autora afirma que a educação vocal é efetuada em três áreas: exercícios de respiração, exercícios de vocalização, e técnica vocal (impostação e articulação). Esses conhecimentos técnicos, quando absorvidos pelos coralistas, proporcionam

um autoconhecimento vocal, viabilizando ajustes necessários na voz e, por consequência, uma melhor qualidade no canto.

O papel do regente deve se mostrar evidente na transmissão desses conhecimentos na prática coral, oportunizando aos coralistas a possibilidade de ter um aprendizado vocal e conscientizando-os de que é possível cantar em grupo de forma satisfatória e qualificada, já que na maioria das vezes esses conhecimentos são encontrados apenas em escolas de música.

Sobre o papel do regente diante do coro e concernente à responsabilidade de transmissão dos conhecimentos necessários para uma prática coral satisfatória, Martha Herr (1998) ressalta:

O regente de coro é, principalmente, um educador musical e serve de exemplo para seus coralistas que o percebem neste papel. Ele é o único professor de canto que a maioria destes coralistas irão ter, fato este que aumenta muito suas responsabilidades. Entretanto, com prática, com atenção e uma cabeça aberta a um certo dinamismo na sua liderança, com aceitação do fato que o coralista bem conduzido desenvolverá uma técnica vocal adequada a sua voz e pode mudar de classificação, com um trabalho que inclui cuidado, carinho e humildade no tratamento da voz, o regente pode ser bem equilibrado, rico e, acima de tudo, saudável (HERR, 1998, p. 56. apud. FUCCI AMATO, 2007, p.56).

Podemos remeter a inteligência vocal descrita por Fucci Amato à técnica vocal que deve ser trabalhada nos coralistas, pensando-a como uma ferramenta para a aprendizagem musical. A técnica vocal pode ser considerada um artifício no processo de aprendizagem musical dos coralistas, com o propósito de favorecer a execução vocal, como também de avolumar os mecanismos que o ato de cantar envolve, conforme afirma Sérgio Figueiredo, (1990). O autor ainda afirma que é necessário que o regente conheça bem a técnica vocal e que saiba empregá-la com congruência e de maneira satisfatória.

Vale ressaltar que os treinamentos que abrangem a técnica vocal, nem sempre conquistam os coralistas, fomentando então o desinteresse por este importante aspecto, por não representar algo significativo para aprendizagem do repertório do coral. Por isso, é necessário que os exercícios vocais e de respiração, por exemplo, estejam intrinsecamente conectados ao repertório a ser ensaiado para que haja uma aprendizagem significativa da técnica vocal (FIGUEIREDO, 1990).

Tratando-se ainda da técnica vocal, ela se constitui como uma preliminar basilar e indispensável para o exercício da regência coral e também para a solidificação de um coro, tendo ciência de que as vozes são um produto natural do ser humano a ser trabalhado e desenvolvido pelo regente, de modo que, coletivamente, o resultado seja satisfatório. Sabendo que a maioria dos coros são constituídos por pessoas não profissionais da música, para os coralistas, o regente é o primeiro professor de música e de canto que esses têm o contato direto.

Logo, é imprescindível que o regente lhes apresente e lhes ensine alguns princípios básicos da técnica vocal, a saber: consciência corporal, controle respiratório, fonação, articulação e ressonância (FIGUEIREDO, 1990).

É importante também que o regente execute os vocalizes com os coralistas, fazendo com que eles percebam as possibilidades de sua voz, gerando um autoconhecimento vocal. Contudo, é importante ressaltar que esses exercícios precisam estar intimamente ligados às músicas a serem cantadas, a fim de que a técnica vocal tenha significância para os coralistas (GABORIM-MOREIRA, 2021).

Consciência Respiratória

Pensando no papel do regente nos processos de ensino-aprendizagem musical dos coralistas, faz-se necessário também que o regente promova o aprendizado sobre a consciência respiratória transmitindo conhecimentos específicos sobre o aparelho respiratório, por ser um elemento fundamental para o desenvolvimento musical do coro. Fucci Amato (2007) parafraseia White (1982) afirmando que a realização do canto necessita de um bom controle dos músculos abdominais, do diafragma e dos músculos intercostais para que os coralistas possuam um bom controle da respiração. Para isso, é necessário um estudo dos elementos que atuam na respiração, são eles: caixa torácica, vias respiratórias, vísceras da respiração, músculos que atuam na respiração, principalmente o diafragma, e a fisiologia dos volumes respiratórios. Além disso, o regente deve realizar com os coristas, exercícios para o controle do fluxo de ar, que é de suma importância para o canto.

A respeito do controle da respiração no canto, Maria Nunes define:

A sustentação de som no canto define-se como a capacidade de produzir som sem que haja quebra de energia respiratória, sem oscilações no fluxo de ar e usando uma respiração de suporte, permitindo executar frases musicais longas com uma qualidade estável de emissão vocal. Por conseguinte, o conhecimento da fisiologia respiratória é fundamental. O controle sobre a respiração é essencial para a eficiência da produção de som através do canto (NUNES, 2012, p.4).

Como observa a autora, leva tempo para que os coralistas consigam dominar a respiração a fim de cantar notas longas, pois é algo que demanda treinamento e entendimento de como funciona o controle do fluxo de ar. A técnica vocal deve abranger também a sustentação do som nas frases longas de uma música, para que o coralista aprenda a controlar a respiração a fim de conservá-la inalterável e qualificada no momento de uma frase mais longa (RIBEIRO, 2012).

Estratégias para o ensino-aprendizagem na prática coral

Zorzal (2014), apresenta algumas estratégias para o ensino de instrumento musical categorizando-as em verbais e não verbais, com a finalidade de pôr o aprendizado ao alcance dos alunos, sejam eles instrumentistas, cantores e coralistas. Apesar de Zorzal se referir ao ensino de instrumentos, algumas dessas estratégias podem ser alinhadas aos processos de ensino-aprendizagem desenvolvidos na prática coral pelo regente juntamente com os coralistas. As estratégias não verbais apontadas por Zorzal (2014) são: gestos musicais, marcações na partitura, contato visual, toque, relação de proximidade, expressões faciais, silêncio, demonstração instrumental, demonstração vocal, onomatopeia. Dessas estratégias, destacamos os “gestos musicais”.

Os gestos musicais acontecem com a utilização dos braços e mãos, a fim de acentuar aspectos específicos da música como os fraseados musicais, dinâmicas, entradas, entre outros aspectos, e também gestuais padrões da regência, para destacar a marcação dos tempos.

Sobre a utilização dos gestos musicais para aprendizagem do coro, Garbuio (2021) destaca que a regência serve para a comunicação entre o regente e o coro. Ainda aponta que esta comunicação gestual tem o seu início nos ensaios, devendo ser clara e precisa para que os coralistas executem aquilo que foi combinado durante os ensaios, citando Zander:

A importância da técnica da regência não se resume em sincronizar os tempos dos compassos, mas em conjugar e projetar tudo o que se discutiu durante os ensaios a fim de que se torne consciente, lembrando o coro no momento preciso através do gesto aos quais os cantores se acostumaram. Para isto, necessita-se de clareza e precisão, advindas exclusivamente através de uma boa técnica (ZANDER, 2003, p. 53 apud GARBUIO, 2021, p. XX).

Assim, o autor evidencia a necessidade de haver no regente uma boa técnica para que os gestos sejam compreensíveis, a fim de que a cada execução do repertório, os coralistas venham rememorar aquilo que foi ensaiado, proporcionando assim a aprendizagem.

Fernandes e Kayama (2006) fazem uso de uma citação de Phillips (1980 apud PLANK, 2004), demonstrando que a estratégia do ensino não verbal por meio dos gestos do regente promove uma aprendizagem musical refletida na execução de uma obra musical. o autor aponta que os coralistas podem cantar de maneiras diferentes numa mesma apresentação, conseguindo transmitir uma sonoridade espetacular ou também soando como um coro de sonoridade simples. Conseguem também realizar diferentes timbres, por exemplo, emitindo um som mais forte e intenso, e através dos gestos do regente conseguir entender qual sonoridade o regente quer que o coro emita.

É imprescindível que o regente se torne capaz de se comunicar com o coro através dos gestos e da técnica de regência. Mesmo que seja possível transmitir a informação através de qualquer movimento corpóreo, e mesmo que o coro entenda a mensagem transmitida através de qualquer tipo de gesto pelo fato de haver um convívio com o regente possibilitando essa captação de informação, não significa que ele não deva aprimorar os gestos musicais para que os mesmos sejam precisos e claros, e possam ser entendidos por todos. Ressaltando que a sonoridade de um coral depende também dos gestos do regente.

Desenvolvimento vocal

O desenvolvimento do cantor do coro precisa ser prazeroso, e não deve ser um fardo que é carregado até o cansaço, ocasionando em uma evasão por parte dos coralistas. Sendo assim, o trabalho colherá bons frutos, e o desenvolvimento dos cantores será visível, principalmente aos olhos do regente. Carlos Alberto Figueiredo (2006) aponta essa importante perspectiva, principalmente pensando no trabalho com coros amadores. Dirigindo-se aos regentes, referente à aplicação de suas metodologias no trabalho na prática coral:

Há duas mentalidades por parte dos regentes, ao trabalhar com seus cantores. A primeira é a mentalidade que eu chamo de “extrativista”, ou seja, aquela em que o regente procura explorar ao máximo seus cantores, preparando programas e fazendo apresentações em número infindável. Nesse tipo de abordagem, não se pensa no desenvolvimento do cantor, que é levado até à exaustão, saindo, finalmente, do coro, traumatizado, e dando lugar a outros cantores, que serão explorados da mesma maneira, num círculo vicioso maléfico. A segunda mentalidade é aquela em que o regente procura desenvolver seus cantores, utilizando, para tal, uma série de metodologias ou, simplesmente, sua criatividade. Nesta segunda vertente, o regente está consciente de que, quanto mais seus cantores se desenvolverem, mais retorno terá o trabalho, tanto para ele como para os seus coralistas. A palavra-chave é prazer, mas não apenas no sentido puramente de lazer, mas, principalmente, o prazer de estar desenvolvendo uma atividade inteligente, que conduz ao crescimento. (FIGUEIREDO, 2006, p. 9)

Esse desenvolvimento permeia ações simples na prática coral, como o ato de respirar da maneira correta e o ato de cantar, por exemplo.

Referente à importância do desenvolvimento vocal nos coros por meio da técnica vocal, Hauck Silva (2012) e Fernandes (2009) destacam que esse desenvolvimento é importante principalmente em coros não profissionais, para que a saúde vocal dos coralistas seja preservada, tendo em vista que a voz é o principal instrumento para quem vai cantar. O trabalho de desenvolvimento vocal por meio da preparação não está sempre presente nos ensaios de coros, principalmente nos não profissionais. Provavelmente o que justifica essa realidade é o

não conhecimento ou o pouco conhecimento da técnica vocal por parte dos regentes, como afirma Hauck-Silva (2012)

A ausência do domínio da técnica vocal por parte do regente faz com que o desenvolvimento vocal do coro seja consideravelmente prejudicado, e isso revela a responsabilidade do regente no tocante ao desenvolvimento vocal do coro, aponta Hauck-Silva (2012). Ou seja, quando o desenvolvimento vocal dos coralistas é prejudicado por falta de informação, a responsabilidade recai sobre o regente, que em geral é o único preparador vocal em coros não profissionais. Sobre isso Martha Herr (1995) afirma:

A maioria dos regentes tem, pelo menos, uma noção de canto, mas tem que depender da assistência de um preparador vocal para ajudar neste aspecto tão importante do desenvolvimento das vozes dos coralistas. Alguns preferem vozes “naturais” (sic. não líricas) mas confundem naturalidade com vozes cruas e não treinadas. Estas vozes vão sempre soar aquém das suas capacidades. Não recomendo aulas sistemáticas de canto para todo o coral, mas, como regentes, nós temos certas responsabilidades para com as vozes entregues em nossas mãos com tanta confiança. (HERR, 1995, p. 51 apud HAUCK-SILVA, 2012)

Fernandes, Kayama e Östergren (2006) citam a afirmação de Brandvik (1993, p. 149), que 95% dos cantores que atuam em corais, não possuem a preparação vocal por professor particular de canto, portanto o preparo de voz desses coralistas é colocado nas mãos do regente. Sobre isso os autores apontam:

É fato que, para o exercício da sua função de intérprete, o regente precisa ter um coro que responda às exigências estilísticas das obras bem como aos aspectos de sua interpretação. Entretanto, constata-se que mesmo tendo consciência do resultado pretendido nem sempre o regente está apto para alcançá-lo. Preparar vocalmente um grupo de cantores amadores é uma tarefa árdua, que exige do regente, além da atenção às condições técnicas de seu grupo, um bom conhecimento de técnica vocal. Sua relação com a técnica vocal deve ser tão íntima quanto sua relação com a técnica de regência e com o seu conhecimento musical geral. (FERNANDES KAYAMA; ÖSTERGREN, 2006, p. 39)

Classificação vocal

O desenvolvimento vocal torna-se complexo para profissionais que desenvolvem um trabalho vocal para o canto individual ou coletivo. Fucci Amato (2007) afirma que essa complexidade se apresenta mais evidente quando se trata de um aspecto de classificação vocal, importantíssimo para o desenvolvimento vocal de um cantor.

A título de exemplo, cabe destacar um aspecto do complexo desenvolvimento vocal para professores de canto, regentes, preparadores de coro, educadores musicais, fonoaudiólogos e até médicos, que é a classificação vocal. Os problemas advindos de uma má classificação podem condenar um cantor de coro (em qualquer faixa etária) a

sérios riscos para a sua saúde vocal. Outro grave acidente é preencher vagas nos naipes dos corais sem a devida precisão de uma reclassificação após meses de ensaio (FUCCI AMATO, 2007, p. 85).

Hauck-Silva (2012), cita Ramos (1998) a respeito da classificação vocal, explicando que o objetivo da classificação é descobrir a característica natural da voz do candidato, direcionando, mesmo que momentaneamente, o naipe de voz que o coralista irá cantar de maneira confortável e proveitosa. Para uma melhor classificação vocal, Hauck-Silva faz uso de cinco critérios, a saber: altura da voz falada, timbre, extensão, tessitura e notas de passagem. Essas etapas na classificação vocal têm o objetivo de conhecer a voz do coralista por diferentes características, pois elas podem ser maquiadas por alguns fatores, como por exemplo, problemas de saúde na voz.

Desenvolvimento vocal: Construção da sonoridade

A sonoridade emitida por um coro é singular, na proporção em que essa sonoridade é fruto do montante da qualidade vocal dos coralistas. A voz de cada cantor do coro deve ser valorizada, pensando no seu desenvolvimento vocal, mas ao mesmo tempo visando construir uma sonoridade homogênea no coro, afirma Carlos Alberto Figueiredo (2006).

O preparo vocal buscando a construção da sonoridade, geralmente é realizado pelo regente, afirmam Figueiredo (2006) e Fernandes, Kayama e Ostergren (2006). A boa execução de uma composição de música coral, que contém propostas como texto, ritmo, andamento, diferentes alturas das vozes, expressão e dinâmica, dependerá do desenvolvimento vocal (afinação, articulação inteligível do texto e qualidades técnico-vocais dos coralistas) que precede a execução da obra. Esses aspectos são administrados pelo regente do coro (HEFFERNAN, 1982 p. 111 apud FERNANDES KAYAMA E OSTERGREN, 2006, p. 36)

Para se chegar a um resultado satisfatório na construção da sonoridade, exige-se do regente e dos cantores do coro algumas competências que permitirão alcançar o objetivo desejado. Sobre essa alegação, Fernandes, Kayama E Ostergren argumentam:

Conseguir uma sonoridade adequada e única no processo de interpretação de uma obra coral vai exigir do regente e dos cantores um domínio e uma flexibilidade vocais capazes de possibilitar a melhor emissão, um bom entendimento do texto a ser executado, além do conhecimento sobre práticas interpretativas. Com conhecimento da pedagogia vocal, os regentes podem trabalhar efetivamente nos ensaios para desenvolver nos cantores uma maior habilidade vocal. A técnica vocal pode proporcionar uma maior qualidade sonora e uma melhor afinação. É possível se direcionar o trabalho técnico de forma aplicada à interpretação estilística de repertórios corais diversificados. De forma eficaz e saudável, o cantor pode: aprender a variar a sonoridade de sua voz em todos os registros, atingindo grande quantidade

de “cores sonoras”; desenvolver um amplo espectro de dinâmicas; e adquirir a habilidade de executar passagens melismáticas com grande agilidade e leveza. (FERNANDES; KAYAMA; OSTERGREN, 2006, p. 37)

Infelizmente, não são todos os regentes que encaram a preparação vocal como um elemento essencial para o canto coral, é o que aponta Lynn Corbin (1982 apud HAUCK-SILVA, 2012). Desta forma os coros não desenvolvem a parte vocal e por consequência não desenvolvem as possibilidades sonoras que um coro pode explorar por meio das músicas.

Pensando na responsabilidade que tem o regente em ser o preparador vocal na maioria das vezes em coros não profissionais, cabe a ele ter a percepção auditiva da emissão vocal dos coralistas, discernindo e diagnosticando os aspectos importantes que podem ser desenvolvidos vocalmente, realizando correções e fazendo demonstrações desses aspectos para o coro, como aponta Hauck-Silva (2012). Aspectos sonoros como fonação, controle da respiração, articulação das palavras, afinação, timbre e outros aspectos, quando identificados pelo regente/preparador vocal, ajudarão no desenvolvimento vocal do coro e por conseguinte a sua sonoridade.

Para corroborar com esta fala sobre a percepção que o regente precisa ter dos aspectos relacionados ao coro, Carlos Alberto Figueiredo afirma:

O regente deve ser como um médico, que, ao examinar e dialogar com seu paciente, diagnostica o problema e apresenta as soluções adequadas, naquele momento. Como se pode imaginar um médico planejando uma consulta, ainda mais de um paciente que ele talvez nunca tenha visto? Tenho a idéia muito clara que o coro, a cada ensaio, é um novo coro, que nunca vimos antes, imprevisível. (2006, p. 14)

3 O LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

No presente capítulo de análise e discussão de dados, retomamos os objetivos que nortearam esta pesquisa. Esta organização foi crucial para o levantamento da bibliografia e também para o desenvolvimento da discussão de maneira encadeada. Assim, tornou-se possível abordar os assuntos pertinentes ao tema desta pesquisa, referente aos processos de ensino-aprendizagem que se sucedem na prática coral e ainda, o papel que o regente desempenha nesses processos.

O levantamento de dados desta pesquisa buscou textos entre os anos de 2011 e 2021 nas Revistas anteriormente citadas. Foram 11 textos encontrados, e apenas na revista DEBATES não foi encontrado material. Essa busca teve o objetivo de entender o que o meio acadêmico da música tem produzido referente ao papel do regente diante dos processos de ensino-aprendizagem na atividade coral. Para a análise dos dados, foram identificadas categorias que poderiam servir de palavras de busca nas revistas citadas acima, e essas categorias estão elencadas nos quadros a seguir. É importante ressaltar que essas categorias foram identificadas durante a escrita do capítulo teórico.

Antes de apresentar os quadros com as categorias elencadas, mostraremos no Quadro 1 informações gerais para que o leitor possa entender o que cada artigo encontrado contém. Depois, os quadros seguintes disporão dos mesmos artigos, porém com o conteúdo mais específico referente a cada categoria abordada.

Quadro 1: Artigos encontrados

Texto	Ano	Revista	Conteúdo
ALMEIDA, Mateus Cruz Paes de. Escolhendo o repertório coral: uma tarefa de regentes?	2016	MÚSICA HODIE	O autor do artigo discute ideias importantes sobre o regente, como a sua formação referente a conhecimentos de técnica vocal, técnica de regência, técnica de ensaio, elaboração e adaptação de arranjos e principalmente o papel do regente na escolha do repertório.
ALMEIDA, Mateus Cruz Paes de. O canto coral e a terceira idade – o ensaio como momento de grandes possibilidades	2013	REVISTA DA ABEM	A pesquisa de Almeida aponta para possibilidades que o momento de ensaio de um coro pode proporcionar, além de destacar estratégias técnicas para a aprendizagem do coro.

DIAS, Leila Miralva Martins. Interações pedagógico-musicais da prática coral	2012	REVISTA DA BEM	O texto refere-se a uma pesquisa de doutorado e tem como objetivo entender como se dá as interações pedagógico-musicais na prática coral por meio dos coralistas, assim como também atribuir a responsabilidade ao regente de conseguir atender as demandas dos coralistas.
FERNANDES, Angelo José. KAYAMA, Adriana G. A Música Coral dos Primórdios do Século XX aos Primórdios do Século XXI: A composição para coros e a performance do repertório moderno/contemporâneo.	2011	MÚSICA HODIE	O artigo tem o seu foco no estudo das práticas de coro desde o início do século XX até os dias atuais a partir de um levantamento bibliográfico O artigo também reflete sobre questões de repertórios, composição de músicas contemporâneas/modernas para corais nesse contexto.
GABRIEL, Ana Paula dos Anjos. J. S. Bach em português: a escolha textual de Furio Franceschini e Martin Braunwieser para a Johannes passion BWV 245	2012	OPUS (ANPPOM)	A autora aborda um conteúdo voltado para a escolha de repertórios corais estrangeiros traduzidos para o português e incluídos nos corais, principalmente na cidade de São Paulo no início do século XX até meados do século. Gabriel considera o assunto pouco discutido pelos estudos de práticas interpretativas na área coral no Brasil. Além de ser pouco discutido, o uso de traduções de obras corais têm caído em desuso, segundo ela.
LÓPEZ-CASANOVA, M Belén et al. Análisis del bienestar psicológico en la práctica coral inclusiva	2021	Per Musi	Os autores discutem a importância da prática coral para que as pessoas alcancem bem-estar e qualidade de vida, sendo essa qualidade de vida proporcionada nos diversos acontecimentos que ocorrem na prática coral como a participação, a interação social e principalmente a inclusão.
KASHIMA, Rafael Keidi. Criação do jogo para corais infantis.	2020	MÚSICA	O artigo discute etapas para a construção de um jogo didático para coros infantis, visando uma melhor aprendizagem do repertório. Essa construção do jogo didático é colocada pelo autor do artigo como um papel do regente, além de se mostrar uma importante ferramenta para a aprendizagem musical do coro.
KASHIMA, Rafael Keidi. Conteúdos de ensino para o coral infantil: A experiência do laboratório de Regência Coral Infantil (LARCI)	2021	OPUS (ANPPOM)	O autor aponta categorias relevantes para ensinar coros infantis colocando o ensaio como um momento pertinente para o aprendizado de questões performáticas para o coro, e que esses ensaios precisam ser bem planejados e bem elaborados.
MARTINS, Weider; SANTOS JUNIOR, Celso Luiz Gonçalves dos. Canto coral: o uso do gesto como auxílio na afinação e na sonoridade	2016	OPUS (ANPPOM)	O artigo discute a construção da sonoridade como uma responsabilidade essencial que deve ser promovida pelo regente. Os autores discutem principalmente o uso de gestos, o movimento corpóreo para auxiliar na afinação e melhoria sonora do coro.

MIGUEL, Fábio et al. Questões acerca do repertório no contexto coral adulto e juven	2020	REVISTA VORTEX	O artigo discute critérios sobre a escolha do repertório de música coral no contexto adulto e infantil. Sob a perspectiva de diferentes autores, os autores do artigo em questão levantam parâmetros para a escolha de repertório, seguindo ideias e critérios dos diferentes autores, considerando também coros não profissionais.
PEREIRA, Rachel de Abreu; CHEVITARESE, Maria José. A preparação vocal no trabalho da construção da sonoridade do coro infantil.	2017	REVISTA BRASILEIRA DE MÚSICA	O artigo discute a preparação vocal de coros infantis visando a construção da sonoridade do coro. O artigo enfatiza que essa preparação deve ser realizada no momento do ensaio, e que o regente deve valorizar o momento de preparação vocal no ensaio e não negligenciá-la.

A primeira categoria a ser analisada é a categoria “repertório” (Quadro 2). Buscando nos repositórios, foram encontrados quatro textos em que a questão “repertório” na prática coral é discutida pelos autores.

Quadro 2: Repertório na prática coral segundo os autores pesquisados

Autor, Data	Conteúdo
ALMEIDA, Mateus Cruz Paes, 2016.	Escolha do repertório na prática coral.
FERNANDES, Angelo José. KAIAMA, Adriana G, 2011.	Questões de repertórios, composição de músicas contemporâneas/modernas para corais nesse contexto.
GABRIEL, Ana Paula dos Anjos, 2012	Repertórios corais estrangeiros traduzidos para o português e incluídos nos corais.
MIGUEL, Fábio et al, 2020	Crítérios sobre a escolha do repertório de música coral no contexto adulto e infantil.

Dos 4 textos encontrados apenas dois abordam o repertório em conformidade com o objeto de pesquisa do presente trabalho, que é o coral não profissional. O texto de Paes (2016) e o texto de Miguel et al. (2020) falam do desafio da escolha do repertório coral por parte do regente. Esses dois textos buscam discutir critérios sobre a escolha de um repertório bom e apropriado ao coro, tendo em vista que cada coro possui características próprias. Por exemplo, um coro infantil não pode cantar qualquer repertório, pois este repertório precisa ser adequado para que seja alcançado o sucesso esperado. Ou em um coro de idosos, em que na maioria das vezes os coralistas possuem uma voz mais cansada, e não conseguirão executar repertórios muito agudos, para isso, o repertório precisa ser bem adequado.

Uma importante discussão colocada por Almeida (2016), é a questão dos vocalizes serem congruentes com o repertório escolhido pelo regente. Esta discussão dialoga com Sérgio

Figueiredo (1990), quando o mesmo reflete sobre a importância de realizar vocalizes intrinsecamente conectados com o repertório.

Já o texto de Gabriel (2012) discute sobre a escolha do repertório relacionado a músicas estrangeiras traduzidas para serem interpretadas por coros brasileiros, ressaltando a importância e valores históricos dessas obras. O texto de Fernandes e Kayama (2011) discute a performance do repertório moderno/contemporâneo para coros.

A segunda categoria buscada nos repositórios foi a categoria “Papel do Regente” (Quadro 3). Foi possível encontrar 4 textos nos quais é discutido o papel do regente na prática coral, e esses textos falam do papel do regente referente a algumas responsabilidades que o mesmo possui em um coral.

Quadro 3: Papel do regente na prática coral segundo os autores pesquisados

Autor, Data	Conteúdo
ALMEIDA, Mateus Cruz P, 2016.	O regente responsável por ter conhecimentos de técnica vocal, técnica de regência, técnica de ensaio, elaboração e adaptação de arranjos e também na escolha do repertório.
FERNANDES, Angelo José. KAYAMA, Adriana G, 2011.	O regente como responsável pela escolha do repertório do coro.
KASHIMA, Rafael Keidi, 2020	A construção de um jogo didático atribuído ao regente.
MARTINS, Weider; SANTOS JUNIOR, Celso Luiz, 2016	A construção da sonoridade como uma responsabilidade essencial que deve ser promovida pelo regente.

Os 4 textos encontrados que abordam o “papel do regente” frente a um coro, se enquadram no objeto de pesquisa do presente trabalho, pois os textos refletem sobre o papel e responsabilidades do regente diante de coros amadores, sejam eles infantil, de jovens e adultos ou idosos, ou de empresas, igrejas, projetos sociais, entre outros.

Os textos apresentam o papel do regente em aspectos diferentes, mas com o mesmo propósito, que é o fazer musical através da prática coral. Os textos falam da responsabilidade do regente em ensaiar, ensinar e demonstrar como fazer a música acontecer, colocando o regente no papel de melhorar a performance do coro, no caso do texto de Kashima (2020), e construir uma boa sonoridade e afinação do coro, no caso do texto de Martins e Santos Júnior (2016). Sobre a construção da sonoridade, o texto de Martins e Santos Júnior (2010) dialoga com os apontamentos de Figueiredo (2006) e Fernandes, Kayama e Ostergren (2006), que afirmam que o regente é o grande responsável pela construção da sonoridade do coro. Também podemos observar a discussão da construção da sonoridade como responsabilidade do regente, no texto de Fernandes e Kayama (2011), porém discutindo sobre corais com o repertório

moderno/contemporâneo, refletindo sobre a construção da sonoridade com esse tipo de repertório. Já o texto de Almeida (2016) reflete sobre o papel do regente referente à escolha do repertório do coral, sem especificar o tipo de repertório.

A terceira categoria buscada e analisada nos textos é a categoria “Ferramentas/estratégias” (Quadro 4). Nos quatro textos levantados foi possível observar ferramentas que podem contribuir para o desempenho do coral, tanto no aprendizado musical como na parte performática e sonora.

Quadro 4: Ferramentas/estratégias na prática coral segundo os autores pesquisados

Autor, Data	Conteúdo
ALMEIDA, Mateus Cruz Paes de, 2013.	O ensaio de naipes como estratégia para aprendizagem do coro.
KASHIMA, Rafael Keidi, 2020.	A construção de um jogo didático para coros infantis, visando uma melhor aprendizagem do repertório.
MARTINS, Weider; SANTOS JUNIOR, Celso Luiz Gonçalves dos, 2016.	O uso de gestos, o movimento corpóreo como ferramenta/estratégia para auxiliar na afinação e melhoria sonora do coro.
MIGUEL, Fábio et al, 2020.	Ferramentas/estratégias sobre a escolha do repertório de música coral no contexto adulto e infantil.

Os 4 textos encontrados estão de acordo com o objeto de pesquisa deste trabalho, pois falam de ferramentas para o desenvolvimento do coro em alguns aspectos, considerando coros não profissionais.

Almeida (2013) aponta o ensaio de naipes como uma importante estratégia para a aprendizagem musical de um coral, utilizando pessoas auxiliares para serem responsáveis por ensaiar a melodia de um naipe específico. Fazendo uma leitura sobre essa estratégia, é possível que esse aprendizado seja acelerado, tendo em vista que muitos coros amadores não possuem muito tempo para ensaiar, e para muitos coros de igrejas que cantam pelo ou menos uma vez na semana, esse tipo de ensaio pode ser muito proveitoso.

O texto de Kashima (2020) apresenta a criação de jogos como uma importante ferramenta para coros infantis para viabilizar o aprendizado das músicas que serão executadas pelo coro, configurando-se uma ferramenta pedagógica, pelo fato de que o foco da inclusão de jogos na prática coral tem uma finalidade educativo-musical, visando o aprendizado do repertório. Mas observamos que também é possível realizar a criação de jogos para grupos de adultos, considerando os coros amadores, visando o aprendizado musical dos coristas. O texto de Miguel et al (2020) apresenta o “cantar uníssono” como uma boa estratégia para que a noção de tom, de sonoridade e de mistura vocal seja percebido pelos coralistas. O texto de Martins e

Santos Junior (2016) coloca uma outra estratégia, que é a utilização de gestos e movimentos corporais para contribuir com a melhora da afinação. A utilização de gestos e movimentos corpóreos se enquadram nas estratégias não verbais elencadas por Zorzal (2014). Então, as estratégias apresentadas pelos textos buscam o aprendizado musical dos coralistas, portanto têm uma finalidade educativo-musical.

A quarta categoria é a de “Ensaio” (Quadro 5). Os três textos levantados discutem a questão ensaio na prática coral falando sobre organização, planejamento e outros aspectos que compreendem o ensaio coral.

Quadro 5: Ensaio na prática coral segundo os autores pesquisados

Autor, Data	Conteúdo
ALMEIDA, Mateus Cruz Paes de, 2013.	O ensaio como um momento de possibilidades.
KASHIMA, Rafael Keidi, 2021.	Planejamentos e organização de ensaios.
PEREIRA, Rachel de Abreu; CHEVITARESE, Maria José, 2017.	O ensaio como momento de preparação vocal.

Os textos levantados falam de questões relacionadas ao ensaio do coro, se enquadrando no objeto de pesquisa do presente trabalho, que considera coros não profissionais.

Almeida (2013) caracteriza o ensaio como um momento de grandes possibilidades que levam à musicalização dos coralistas amadores, ensinando técnica vocal, afinação, ritmo e também é um momento que viabiliza a socialização.

Kashima (2021) ressalta a importância do planejamento do ensaio, ou seja, os ensaios de um coro precisam ser bem estruturados para que façam sentido em diversos aspectos técnico-musicais, tendo em vista que um ensaio coral é muitas vezes o único momento educativo-musical que os coralistas em sua grande maioria possuem. Esses aspectos estão relacionados ao espaço de ensaio, aquecimento vocal e do corpo, ensino do repertório, por exemplo. O texto de Pereira e Chevitarese (2017) fala de aspectos que não devem faltar em um ensaio coral que são importantes para o aprendizado musical. Esse texto dialoga com Figueiredo (1989), que aponta o ensaio coral como um momento em que o aprendizado musical é construído. Então, podemos observar através dessas leituras que o ensaio de um coro é um espaço onde há a construção do conhecimento musical, mas para isso é necessário planejamento e organização por parte do regente. Essa responsabilidade de planejamento também se enquadra na categoria do “papel do regente”.

A quinta categoria são os “aspectos técnicos-musicais” (Quadro 6) apresentados pelos autores do texto encontrado. Aspectos que dizem respeito à prática coral e que envolvem técnica vocal, por exemplo, e outros aspectos.

Quadro 6: Aspectos técnicos-musicais segundo os autores pesquisados

Autor, Data	Conteúdo
PEREIRA, Rachel de Abreu; CHEVITARESE, Maria José, 2017.	A preparação vocal como um aspecto técnico-musical.

Embora trate de coral infantil, o texto de Pereira e Chevitarese (2017) se enquadra no objeto de pesquisa por se tratar de coro não profissional. O texto em questão aborda a importância de aspectos técnico-musicais, ressaltando a técnica vocal como um importante aspecto para desempenhar bem o canto de maneira eficaz e eficiente, e como coloca a técnica vocal como um causador da boa produção vocal. As autoras apresentam a técnica vocal como um agente facilitador para construir uma sonoridade singular para o coro. Como aponta Figueiredo (1990), a técnica vocal é uma aliada para o aprendizado musical dos coralistas. A técnica vocal também se enquadra no “papel do regente”, porque muitas vezes o regente é o único professor de canto que os coralistas têm, logo faz-se necessário que o regente possua um conhecimento de técnica vocal para ensinar aos coralistas.

A sexta e última categoria é a “Qualidade de vida na prática coral” (Quadro 7) segundo os autores pesquisados. Essa qualidade de vida é proporcionada pela socialização na prática coral, que ao atender algumas necessidades do ser humano, a prática coral viabiliza bem-estar para aqueles que participam.

Quadro 7: Qualidade de vida na prática coral segundo aponta o autor pesquisado

Autor, Data	Conteúdo
DIAS, Leila Miralva Martins, 2012.	A prática coral atendendo a necessidades individuais dos seus componentes através da interação.
LÓPEZ-CASANOVA, M Belén et al, 2021.	Bem-estar e qualidade de vida através da socialização na prática coral.

A prática coral pode tornar-se um ambiente que promove bem-estar para as pessoas que dela participam. Como aponta Maximiano (2004, apud Fucci Amato, 2007), existem algumas necessidades pessoais que o ser humano precisa alcançar para desfrutar desse bem-estar e como consequência ter uma boa qualidade de vida. O texto de Dias (2012) traz apontamentos sobre

interações que ocorrem entre os indivíduos na prática coral. A autora observa na sua pesquisa, que a socialização não acontece apenas pelos coralistas contarem um ao outro um pouco de suas vidas ou de suas rotinas, mas também no fazer musical a ajuda que um coralista recebe do outro, consegue atender às necessidades que eles apresentam, tornando a prática coral uma atividade prazerosa, trazendo bem-estar.

Um dos pontos que Lópes-Casanova e colaboradores destacam, e que dialoga com os apontamentos de Fucci Amato (2007) sobre as ideias de Maximiano (2004) a respeito da qualidade de vida, é a autoestima que as experiências do canto coletivo podem proporcionar aos participantes dessa prática. Além de proporcionar autoestima, o canto coral proporciona participação e autorrealização. Fucci Amato (2007) faz uso dessas ideias, analisando aspectos necessários para que uma pessoa alcance qualidade de vida, e chega à conclusão de que o canto coral é capaz de trazer bem-estar.

Observando os 11 textos levantados foi possível perceber que alguns deles abordam mais de uma categoria entre aquelas que foram dispostas nos quadros. Algumas categorias abordadas de maneira mais volumosa, outras de maneira mais enxuta e outras apenas citadas no decorrer do texto.

Dos 11 textos levantados, 8 citam a categoria “repertório” (Quadro 2), porém destacamos 4 deles por discutirem repertório de forma mais direcionada e mais aprofundada, atendendo os objetivos da presente pesquisa. Dos 11 textos, 8 tratam o papel do regente em alguns aspectos a saber: na escolha do repertório, na construção da sonoridade e afinação, na responsabilidade de planejar os ensaios e na responsabilidade de criar estratégias e utilizar ferramentas para o crescimento musical do coral, e no ensino de aspectos técnico-musicais que devem ser transmitidos aos coralistas. Ainda que os textos não tragam em seus títulos a categoria “papel do regente”, todos eles conectam os temas discutidos ao regente como responsável por abordar os aspectos referentes ao ensino e aprendizagem, e também da performance na prática coral.

O texto de Almeida (2016) e o texto de Fábio Miguel e colaboradores (2020) trazem 5 categorias, das 6 apresentadas no levantamento bibliográfico. Esses textos trazem questões principalmente sobre “repertório” (Quadro 2), conectam a questão da escolha do repertório como um “papel do regente” (Quadro 3), apontam “ferramentas/estratégias na prática coral” (Quadro 4), trazem questões de “ensaio” (Quadro 5) e também questões “técnico-musicais” (Quadro 6), como, por exemplo preparação vocal e técnica vocal da prática coral que estão inclusas na categoria “Aspectos técnico-musicais”. O texto de Kashima (2021) aponta 4 categorias das que foram elencadas na presente pesquisa. O autor aponta “Repertório” (Quadro

2), “Papel do regente” (Quadro 3), “Ferramentas/estratégias” (Quadro 4), “ensaio” (Quadro 5) e “aspectos técnico-musicais” (Quadro 6).

Os textos encontrados referente à categoria Qualidade de vida (Quadro 7) que a prática coral proporciona ao atender necessidades para o alcance do bem-estar do ser humano, foram Miralva Dias e o texto de López-Casanova. Os dois textos fazem referência à socialização e às interações que ocorrem na prática coral, atendendo à muitas necessidades dos coralistas, culminando em prazer em bem-estar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do presente trabalho propiciou uma investigação sobre como a literatura na área da música tem apresentado a prática coral e os diversos aspectos presentes nela, primeiro através da elaboração do capítulo teórico e em segundo plano através do levantamento bibliográfico delimitado por um período de 10 anos (2011 a 2021) que possibilitou chegar a alguns resultados relevantes para os objetivos da pesquisa e que trouxe um noção de como a literatura tem produzido materiais sobre a prática coral e os elementos que compõem e mesma.

A construção do capítulo teórico possibilitou identificar alguns elementos importantes presentes na atividade coral como aponta Fucci Amato (2007), a saber: aprendizagem musical, desenvolvimento vocal e socialização, e que foram elencados e discutidos no decorrer do trabalho. A partir desses elementos foi possível considerar alguns aspectos que contribuem para a construção e consolidação dos elementos já citados. E através desses aspectos conseguimos atingir alguns objetivos, a saber: entender o papel do regente nos processos de ensino-aprendizagem do coro no desenvolvimento dos elementos citados por Amato, colocando o regente como o principal responsável por promover ferramentas, estratégias, ensino de técnicas, direcionamento de voz por meio da classificação vocal, promover também o desenvolvimento da voz para a construção de uma e boa sonoridade.

Através dessas pesquisas para a construção do capítulo teórico, foi possível atender a mais um objetivo, que era entender como se dá o processo de socialização na atividade coral, atividade que proporciona interação social, inclusão social e que traz prazer, bem-estar e qualidade de vida aos seus participantes.

No resultado do levantamento bibliográfico com delimitação entre os anos de 2011 e 2021, através das 6 categorias encontradas na construção do capítulo e dos 11 artigos encontrados nas 8 Revistas já citadas anteriormente, foi possível observar que as categorias mais discutidas pelos autores dos artigos foram: repertório e o papel do regente como um educador musical. Essa segunda categoria atendeu ao nosso principal objetivo que é entender o papel do regente nos processos de ensino-aprendizagem no canto coral, considerando os coros amadores, em que os textos encontrados nos fizeram entender melhor esse papel. E esse papel do regente está presente nos textos levantados em mais de um aspecto: na escolha do repertório, na construção da sonoridade, na elaboração de estratégias e uso de ferramentas para a melhoria musical do coro, na responsabilidade de planejar os ensaios e no papel de ensinar os aspectos técnico-musicais.

Outro objetivo atendido pelo trabalho foi que nos artigos levantados nas revistas, em sua grande maioria consideram o trabalho em coros não profissionais, o que aumenta o desafio do regente, que em geral é único professor de música que esses coralistas mantêm um contato mais direto e próximo.

Ao analisarmos os 11 artigos levantados nas revistas, pudemos perceber o papel do regente presente em 8 deles, ainda que em alguns desses artigos o papel do regente não seja o foco principal, esse papel é abordado diretamente ou indiretamente nos textos pelo fato do regente ser o principal responsável em conduzir a prática coral.

O presente trabalho e os resultados obtidos nele, pode contribuir de maneira positiva com pesquisas futuras, pesquisas que tragam cada vez mais aprofundamento sobre o papel do regente nos processos educacionais de um coro nos mais variados aspectos que envolvem a prática coral, e principalmente abordando esse papel da figura do regente em coros não profissionais, pois em geral é o tipo de coro que mais encontramos nos mais variados espaços, sejam eles educacionais, empresariais, comunitários ou religiosos.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, Pedro. Para uma teoria da socialização. **Sociologia: Revista da faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 11, 2011. Disponível em: <<https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2229>>. Acesso em 13 nov. 2021.
- ALMEIDA, Mateus Cruz Paes de. Escolhendo o repertório coral: uma tarefa de regentes? **Música Hodie**, v.16, n. 2. Goiânia: FGA editoração gráfica, 2016. p. 25-34. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/musica/article/view/45212>>. Acesso em 30 dez. 2021.
- ALMEIDA, Mateus Cruz Paes de. O canto coral e a terceira idade – o ensaio como momento de grandes possibilidades. In. **Revista da ABEM**, v. 21, n. 31. Londrina: 2013, p. 119-133. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/77/62>>. Acesso em 30 dez. 2021.
- ASSUMPCÃO JR., José Teixeira. O regente de coro: educador e artista. Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música, 01., Anais do Colóquio do Programa de Pós-Graduação em Música da UNIRIO, 15. Rio de Janeiro, 2010, p. 232-243. Disponível em: <<http://seer.unirio.br/index>>. Acesso em 20 out. 2021.
- CORVELO, José Gomes. **O Coro como veículo de Socialização e Educação Musical** (O caso do coro comunitário de Amarante). Dissertação (Mestrado em ensino da Música) - Aveiro: Universidade de Aveiro Departamento de Comunicação e Arte, 2013. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/32242186.pdf>>. Acesso em 30 out. 2021.
- DIAS, Leila M. M. Interações pedagógico-musicais na prática coral. **Revista da ABEM**, V.20, n.27, Londrina, 2012. p. 131-140. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/166>>. Acesso em 15 out. 2021.
- FERNANDES, Angelo; KAYAMA, Adriana Giarola. A importância da dicção na construção da sonoridade coral. In: XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e PósGraduação em Música (ANPPOM), Brasília, 2006, p. 1014-1018. Disponível em: <https://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2006/CDROM/POSTERES/13_Pos_Perf/13POS_Perf_03-043.pdf>. Acesso em 18 out. 2021.
- FERNANDES, Ângelo José; KAYAMA, Adriana Giarola; ÖSTERGREN, Eduardo Augusto. A prática coral na atualidade: sonoridade, interpretação e técnica vocal. **Música Hodie**, v. 6, n. 1, p. 51–74, 2006. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/musica>>. Acesso em 18 out. 2021.
- FERNANDES, Ângelo José; KAYAMA, Adriana Giarola. A música coral dos primórdios do século XX aos primórdios do século XXI: A composição para coros e a performance do repertório moderno/contemporâneo, **Música Hodie**, v. 11, n.2, 2011. p. 93-111. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/index.php/musica/article/view/21808>>. Acesso em 28 nov. 2021.
- FERNANDES, Ângelo José. **O regente moderno e a construção da sonoridade coral: uma metodologia de preparo vocal para coros**. 2009. 475 f. Tese (Doutorado em Música).

Campinas: Instituto de Artes, UNICAMP, 2009. Disponível em:
<<https://repositorioslatinoamericanos.uchile.cl/>>. Acesso em 20 out. 2021.

FIGUEIREDO, Carlos Alberto. Reflexões sobre aspectos da prática coral. In: LAKSCHEVITZ, Eduardo (org.) **Ensaio**: olhares sobre a música coral brasileira. Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Música Coral, p. 6-49, 2006. Disponível em:
<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3190442/mod_resource/content/0/LivroEnsaio_Ebook_28-08-OCR.pdf>. Acesso em 5 out. 2021.

FIGUEIREDO, Sergio Luiz Ferreira de. A função do ensaio coral: treinamento ou aprendizagem? **Opus**, v. 1, n. 1, p. 72-78, 1989. Disponível em: <<https://anppom.org.br/>>. Acesso em 4 out. 2021.

FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. **O ensaio coral como momento de aprendizagem**: A prática coral numa perspectiva de educação musical. Dissertação (Mestrado em Música - Educação Musical) Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul Instituto de Artes, 1990. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/131743>>. Acesso em 4 out. 2021.

FUCCI AMATO, Rita de Cássia. O canto coral como prática sócio-cultural e educativo-musical. **Opus**, v. 13, n. 1, p. 75-96, 2007. Disponível em:
<<https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/295>>. Acesso em 10 jun. 2021.

FUCCI AMATO, Rita de Cássia. Música e políticas socioculturais: a contribuição do canto coral para a inclusão social. **Opus**, v. 15, n. 1, p. 91-109, 2009. Disponível em:
<<https://anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/264>>. Acesso em 30 set. 2021.

FUCCI AMATO, Rita de Cássia; AMATO NETO, João. A motivação no canto coral: perspectivas para a gestão de recursos humanos em música. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 22, 87-96, set. 2009. Disponível em:
<http://abemeducacaomusical.com.br/revista_abem/ed22/revista22_artigo9.pdf>. Acesso em 10 jun. 2021.

GABORIM-MOREIRA, Ana Lúcia. O regente educador. Aspectos pedagógicos do trabalho coral. In: GERALDO, Jorge Augusto Mendes; FERNANDES, Angelo José; RASSLAN, Manoel Camara (org.) **Regência em Pauta**: diálogos sobre canto coral e regência. Campo Grande: Ed. UFMS, 2021. p. 75-90.

GABRIEL, Ana Paula dos Anjos. J. S. Bach em português: a escolha textual de Furio Franceschini e Martin Braunwieser para a Johannespassion BWV 245. **Opus**, v. 24, n. 3, p. 293-309, set./dez. 2018. Disponível em:
<<https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/617>>. Acesso em 25 nov. 2021).

GARBUIO, Rafael. A formação do regente coral brasileiro: uma reflexão; In: GERALDO, Jorge Augusto Mendes; FERNANDES, Angelo José; RASSLAN, Manoel Camara (org.) **Regência em Pauta**: diálogos sobre canto coral e regência. Campo Grande: Ed. UFMS, 2021. p. 14-26.

- HAUCK-SILVA, Caiti. **Preparação vocal em coros comunitários:** estratégias pedagógicas para construção vocal no Comunicantus: Laboratório Coral do Departamento de Música da ECA-USP. Dissertação (Mestrado em Artes) São Paulo: ECA/USP, 2012. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Caiti-Hauck/publication/324362567_Preparacao_vocal_em_coros_comunitarios_estrategias_pedagogicas_para_construcao_vocal_no_'Comunicantus_Laboratorio_Coral'_do_Departamento_de_Musica_da_ECA-USP/links/5acb9fb30f7e9bcd5199bf06/Preparacao-vocal-em-coros-comunitarios-estrategias-pedagogicas-para-construcao-vocal-no-Comunicantus-Laboratorio-Coral-do-Departamento-de-Musica-da-ECA-USP.pdf>. Acesso em 2 nov. 2021.
- JUNKER, David. O movimento do canto coral no Brasil: breve perspectiva administrativa e histórica. In: Anais do XII Encontro Anual da ANPPOM. Salvador: 1999. Disponível em: <<http://www.musicaeducacao.ufc.br/Para%20o%20site/Revistas%20e%20peri%C3%B3dicos/Artigos/sobre%20pr%C3%A1ticas%20musicais%20instrumental%20e%20vocal/desenv%20do%20canto%20no%20BR%20sec.%20XX.pdf>>. Acesso em 30 out. 2021.
- KASHIMA, Rafael Keidi. Criação do jogo para corais infantis. **Revista Música**, v. 20, n. 1, p. 39-58, 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revistamusica/article/view/169754>>. Acesso em 25 out. 2021.
- KASHIMA, Rafael Keidi. Conteúdos de ensino para o coral infantil: a experiência do Laboratório de Regência Coral Infantil (LARCI). **OPUS**, v. 27, n. 2, p. 18, 2021. Disponível em: <<https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/972>>. Acesso em 25 nov. 2021.
- LÓPEZ-CASANOVA, M. Belén; NADAL-GARCÍA, Icíar; LARRAZ-RÁBANOS, Natalia; JUAN-MORERA, Borja. Análisis del bienestar psicológico en la práctica coral inclusiva. **Per Musi**, n. 41, p. 1-16, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/permusi/article/view/35188>>. Acesso em 25 out. 2021.
- MARTINS, Weider; SANTOS JUNIOR, Celso Luiz Gonçalves dos. Canto coral: o uso do gesto como auxílio na afinação e na sonoridade. **OPUS**, v. 22, n. 2, p. 283-302, 2016. disponível em: <<https://anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/402>>. Acesso em 25 nov. 2021.
- MIGUEL, Fábio et al. Questões acerca do repertório no contexto coral adulto e juvenil. **Revista Vórtex**, v. 8, n. 2, 2020. Disponível em: <<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/vortex/article/view/3817>>. Acesso em 2. nov. 2021).
- NASCIMENTO, Jurema Lúcia de Jesus; BUSS, Ricardo Niehues. O Canto Coral como Instrumento Facilitador da Aprendizagem no Ensino Superior: O Processo de Socialização no Canto Coral. **Revista São LuisOrione** - v.1 - n. 5 - p. 37-59 - jan./dez. 2011. Disponível em: <<http://seer.catolicaorione.edu.br:81/index.php/revistaorione>>. Acesso em 20 out. 2021.
- NUNES, Maria de Fátima Delgado Ribeiro. **Sustentação de som em performance:** respiração e qualidade da emissão vocal coral. Dissertação (Mestrado em Música). Lisboa: Escola Superior de Música de Lisboa; 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/8764>>. Acesso em 5 nov. 2021.

OLIVEIRA, André Rodrigues Costa. **O canto coral e suas influências socioculturais**. São Paulo, 2016. Monografia. São Paulo: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/155626>>. Acesso em 15 out. 2021.

PENNA, Maura. Musicalização: tema e reavaliações. In: PENNA, Maura. **Reavaliações e buscas em musicalização**. São Paulo: Loyola, p. 19-37, 1990.

PEREIRA, Éliton; VASCONCELOS, Miriã. O processo de socialização no canto coral: Um estudo sobre as dimensões pessoal, interpessoal e comunitária. **Música Hodie**, n.1. V, 7. Goiânia: Hodie, 2007. p. 99-120. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/index.php/musica/article/view/1763>>. Acesso em 20 nov. 2021.

PEREIRA, Rachel de Abreu; CHEVITARESE, Maria José. A preparação vocal no trabalho da construção da sonoridade do coro infantil. **Revista Brasileira de Música**, v. 30, n. 2, p. 145-159 Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rbm>>. Acesso em 30 dez. 2021.

SILVA, Andréia Anhezini; ZEFERINO, Karen. Canto coral como agente de interação social e desenvolvimento humano. In: SOUSA, Ivan Vale de (org.) **A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes 3**, p. 307-311. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/post-artigo/16940>>. Acesso em 15 nov. 2021).

ZORZAL, Ricieri Carlini. Estratégias para o ensino de instrumento musical. In: ZORZAL, Ricieri Carlini; TOURINHO, Cristina. **Aspectos práticos e teóricos para o ensino e aprendizagem da performance musical**. São Luís: EDUFMA, 2014. P. 12-45